

MINHA CASA MINHA VIDA

SÓ UM SONHO FAMÍLIAS LONGE DA CASA PRÓPRIA

População pobre do ES recebeu só 26% das moradias previstas

MIKAELLA CAMPOS
mikaella.campos@redgazeta.com.br

O orçamento mensal de R\$ 300 impõe a Sílvia Santos Araújo, de 38 anos, a necessidade de escolher entre alimentar os filhos ou pagar o aluguel. Há quase seis anos, ela aguarda ser beneficiada por um imóvel do programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), do governo federal.

Longa e degradante, a espera vivida por Sílvia expõe as dificuldades de um projeto importante, lançado em 25 de março de 2009 com a promessa de ser um forte motor do crescimento nacional e de reduzir o déficit de moradias no país.

À época, o Brasil sentia os efeitos colaterais de uma das piores crises financeiras do mundo. O pacote visava ao fortalecimento da indústria da construção civil e o aumento do número de empregos. Uma de suas funções era blindar a economia brasileira. Seis anos depois, dados disponibilizados no site da Caixa Econômica, em 31 de janeiro deste ano, colocam em xeque a eficiência do programa.

No Espírito Santo, 57 mil famílias pobres vivem em casas precárias, em amontoados residenciais ou têm um ônus excessivo com aluguel. Desde quando o plano habitacional entrou em vigor, apenas 4.054 casas foram entregues, ou 26% das 15.705 unidades contratadas pelo MCMV no Estado para atender à faixa 1 do programa, que inclui pes-

soas com renda de até R\$ 1,6 mil por mês.

Desse total, 1.551 são moradias rurais e as outras 2.503 foram construídas em regiões urbanas com recursos do Fundo de Arrendamento Residencial (FAR) e não chegam nem perto de atender às necessidades da população vulnerável.

Levantamento feito pelo Instituto Jones dos Santos Neves, a pedido de A GAZETA, com dados do CadÚnico - sistema onde está cadastrada a população que ganha até três salários mínimos - mostra que a maior carência de moradia está na Grande Vitória e na microrregião do Rio Doce. Esses locais foram os que tiveram uma das piores evoluções do Minha Casa Minha Vida, conseguindo concluir somente em torno de 20% das unidades contratadas.

Sílvia é moradora de Riviera da Barra, em Vila Velha, bairro

próximo de onde foram entregues, em junho do ano passado, pela própria presidente Dilma Rousseff, 496 apartamentos do programa. No local, estão em obras outras 992 unidades. A dona de casa espera ser uma das beneficiadas. “Eu

vejo pessoas sendo chamadas pela prefeitura, gente numa situação melhor que a minha. Não entendo como é feita a escolha”.

Mãe de três crianças e separada do marido, a ex-cabeleireira atende a todos os critérios para ser beneficiada. Inscreveu-se quatro vezes na prefeitura. A primeira vez em 2009 junto com outras 30 mil pessoas. A família dela tem renda per capita de R\$ 75, sendo considerada parte da população extremamente pobre do país.

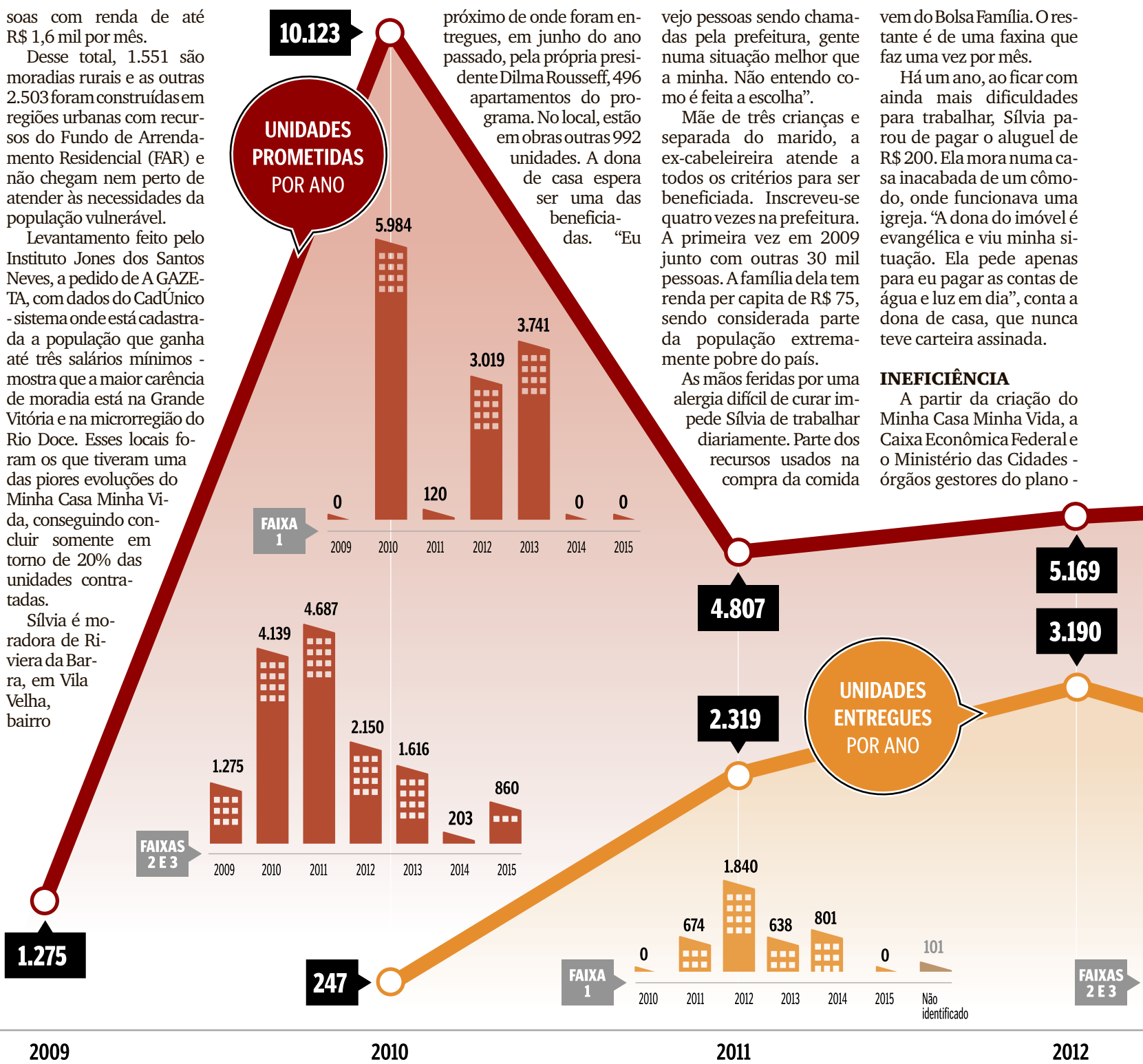
As mãos feridas por uma alergia difícil de curar impede Sílvia de trabalhar diariamente. Parte dos recursos usados na compra da comida

vem do Bolsa Família. O restante é de uma faxina que faz uma vez por mês.

Há um ano, ao ficar com ainda mais dificuldades para trabalhar, Sílvia parou de pagar o aluguel de R\$ 200. Ela mora numa casa inacabada de um cômodo, onde funcionava uma igreja. “A dona do imóvel é evangélica e viu minha situação. Ela pede apenas para eu pagar as contas de água e luz em dia”, conta a dona de casa, que nunca teve carteira assinada.

INEFICIÊNCIA

A partir da criação do Minha Casa Minha Vida, a Caixa Econômica Federal e o Ministério das Cidades - órgãos gestores do plano -



aprovaram a construção de 30.635 casas e apartamentos no Estado. Os números incluem projetos voltados também para as faixas 2 e 3 do programa, que são famílias com renda de R\$ 1,6 mil a R\$ 5 mil.

O jornal A GAZETA teve acesso a uma planilha com informações sobre o programa em todo o país. O documento revela que, para todos esses segmentos, o MCMV conseguiu atingir apenas 11.158 das unidades projetadas.

O número de pessoas com as chaves da casa própria na mão hoje, nas três fases do programa, alcança só 65% das 17 mil unidades que foram previstas apenas para a primeira etapa do plano, que perdurou entre 2009 e 2011.

O Espírito Santo está na quarta pior situação do país quando o assunto é falta de eficiência na entrega dos imóveis. Apenas o Pará, Distrito Federal e Amapá estão pior. No Estado, a média na conclusão e habitabilidade das unidades, em 35%, é inferior à média nacional, de 50% das unidades prometidas.

Além de atrasos, o Minha Casa Minha Vida, que está entrando na terceira fase, aos poucos foi reduzindo a força em aprovação de projetos. Se em 2010, o programa atingiu pico de contratação de obras, com a promessa de construir 10.123 para todas as faixas, em 2014, obras de apenas 203 unidades foram aprovadas. Todas, aliás, voltadas para o público



Fonte: IJSN / CadUnico

com renda com renda acima de R\$ 1,6 mil.

Para os mais pobres, desde 2013 nenhum projeto recebeu aval para começar os trabalhos. Outros, em fase de implementação, foram até cancelados sem prazo para serem reiniciados.

DESCRENÇA

A auxiliar de serviços gerais Edna Maria da Silva, de 44 anos, tem esperança de um dia sair do aluguel e ter casa própria. Sonho que, para ela, tornou-se papável em 2009, quando o governo anunciou o novo plano habitacional.

Para sobreviver, ela acorda todos os dias às 3 horas para chegar ainda de madrugada no emprego. Com uma renda fixa de um salá-

rio mínimo, essa “pai e mãe” de família completa o orçamento com “bicos” que vão do crochê à atividade de pedreiro.

Boa parte do dinheiro de Edna, R\$ 300, é destinada ao aluguel na pequena casa de um quarto onde vive com a filha e duas netas pequenas, no Morro Forte São João, na Capital. A vista privilegiada para a baía da Capital é o consolo para essa mulher, que há 26 anos sonha em ter a casa própria.

Em 2009, ao jornal A GAZETA, Edna falou sobre sua expectativa em relação ao programa Minha Casa Minha Vida. Na ocasião, ela morava num barraco de madeira, no alto do morro. A trabalhadora, sem qualquer ajuda, mudou-se para um imóvel um pouco me-

lhor. A casa, no entanto, ainda está longe de ser a ideal.

Um ano após o lançamento do MCMV, nada havia acontecido e Edna já demonstrava desconfiança sobre os efeitos do programa. Em nova entrevista ao jornal disse que passou a não acreditar nas promessas.

“Há quase quatro anos, eu morava numa casa que caiu após uma forte chuva. Perdi tudo. Minha filha estava grávida e só conseguimos salvar as roupinhas do bebê. Recebi assistência de um pastor, que me deixou morar por quase um ano dentro da igreja. Juntei dinheiro para comprar novamente meus móveis e estou morando de aluguel. Meu sonho é ter minha casa. Espero por isso minha vida toda”.

MARCELO PREST



Sílvia ganha R\$ 300 por mês e não consegue pagar aluguel e alimentar os filhos

MINHA CASA MINHA VIDA

DÉFICIT VAI CRESCER

PAÍS TERÁ 20 MILHÕES

SEM MORADIA ATÉ 2024

Hoje, estima-se uma escassez de 5,2 milhões de imóveis

▄ Embora, segundo dados do Instituto de Pesquisa Aplicada (Ipea), o déficit habitacional brasileiro tenha caído em 8% nos últimos seis anos, estudo do Sinduscon São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas prevê que, até 2024, serão 20 milhões de famílias em estado de necessidade no país. Hoje, estima-se uma escassez de 5,2 milhões de casas em todo território nacional.

O crescimento no número de vulneráveis vai acompanhar a expansão populacional. A pesquisa diz que para extirpar o saldo negativo de moradias, o governo deveria investir, nos próximos nove anos, pelo menos R\$ 76 bilhões ao ano.

Desde o Minha Casa Minha, o total liberado nos trabalhos habitacionais alcançou R\$ 65 bilhões no país. A previsão é de que, para pagar os projetos já aprovados, mais R\$ 117 bilhões sejam aplicados.

O Instituto Jones dos Santos Neves iniciou, há um ano, a elaboração de uma metodologia própria para verificar demandas por moradia no Estado.

O diretor de estudos e pesquisas do órgão, Pablo Jabor, explica que a entidade tem usado dados do CadÚnico para identificar as famílias que fazem parte da categoria de risco social.

Jabor afirma que das 400 mil famílias capixabas registradas no Cadastro Único, 14% correspondem à população em vulnerabilidade habitacional. O CadÚnico, aliás, é hoje o sistema utilizado para gerenciar o público-alvo do programa Minha Casa Minha Vida.

“O déficit atual é ainda expressivo, apesar de verificarmos uma melhora nos últimos anos. A Pnad, por exemplo, outra metologia



Denaíra mora com um filho, nora e netos. Em tempo de chuvas, a área onde fica a casa alaga

de pesquisa, mostrou redução de 93 mil para 80 mil no déficit entre 2009 e 2012. Mas não é possível avaliar se essa queda é relacionada a políticas habitacionais ou a outras ações de transferência de renda”, diz.

DIFICULDADES

Uma casa apertada, com paredes rachadas e infiltração é onde dona Denaíra Andrade Pandolfi, de 65 anos, mora com um filho, nora e dois netos, num bairro pobre de Linhares.

As condições do imóvel

são apenas parte dos problemas da idosa. Em períodos de chuva forte, o local é suscetível a alagamentos.

Apesar de se enquadrar nos critérios, a aposentada desconhecia seu direito de ser beneficiada pelo plano habitacional. “Eu já tenho idade, não sei ler. Mas se Deus abençoar que dê certo, eu quero uma casa”, conta.

O programa Minha Casa Minha Vida cobra prestações a partir de R\$ 25 da pessoa que se encaixa na faixa 1 do programa.

Os beneficiários prioritá-

rios, geralmente, são idosos, mães solteiras e pessoas que residem em área de risco ambiental selecionados pela prefeitura. Depois de passar pela triagem, a família ainda é submetida a uma avaliação criteriosa da Caixa.

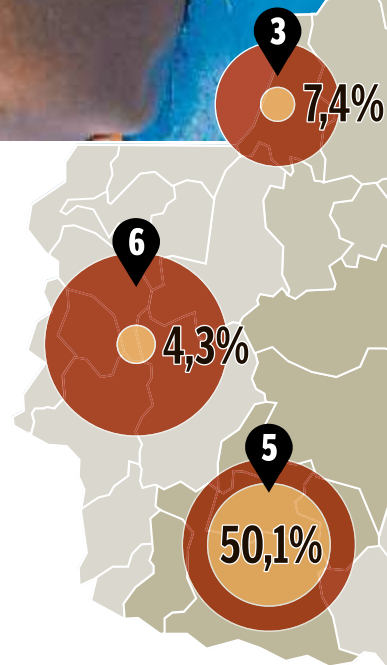
Para o professor da Ufes e especialista em Políticas Públicas, Francisco Albernaz, o modelo do programa Minha Casa Minha Vida deveria ser repensado.

“Espanta ver a conclusão de tão poucas unidades para uma população incluída numa menor faixa de renda. O

programa dá sinais de problemas nas políticas de implementação. Mais órgãos deveriam ser envolvidos nesse processo para coordenar os trabalhos e mesmo punir as empreiteiras que atrasam as obras”, avalia.

Outra falha no programa, na visão do professor, é de não dar ao mutuário o poder de decisão. “O ideal seria permitir à pessoa a escolha de comprar ou construir por meio do crédito. Não cabe ao Estado definir quem deve ter casa”, diz. (Com a colaboração de Samira Ferreira)

CARLOS ALBERTO SILVA



Fonte: Instituto Jones dos Santos Neves / CadÚnico

A LUTA DE UMA VIDA

“Já tentei ver como funciona o Minha Casa Minha Vida, mas não tenho muito paciência para lidar com essa coisa de Justiça”

EDNA MARIA DA SILVA, AO FALAR NESTE ANO PARA A GAZETA



“É difícil não ter uma casa. Sempre sonhei em comprar um imóvel, mas nunca tive condições. Já que agora tem esse pacote do governo, espero conseguir. Vou procurar a prefeitura”

EDNA MARIA DA SILVA, EM 2009, QUANDO O GOVERNO FEDERAL LANÇOU O PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA

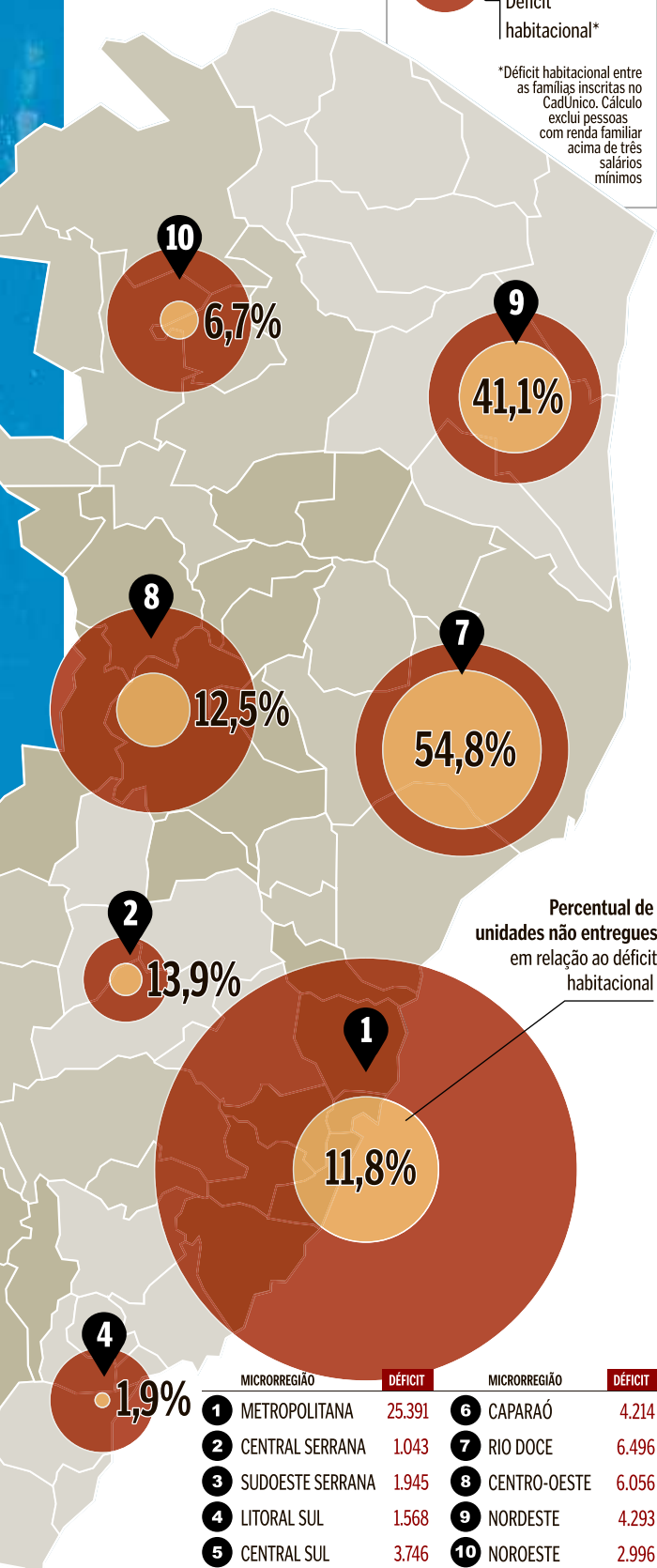
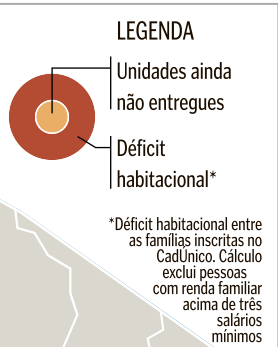
“Há mais de 20 anos vivo do aluguel. Queria ter a minha casinha, mas é difícil. Passei a não acreditar mais nas promessas do governo”

EDNA MARIA DA SILVA, EM ENTREVISTA EM 2010 AO JORNAL, AO CONTAR QUE PROCUROU A PREFEITURA, MAS NÃO RECEBEU INFORMAÇÕES

“Levanto às 3 da manhã para trabalhar, mas depois do serviço faço outras tarefas, como pintura de casa e até pequenas reformas. Sou eu quem paga o aluguel e sustento minha filha e minhas duas netas”

EDNA MARIA DA SILVA, EM NOVA ENTREVISTA AO JORNAL NESTE ANO

Unidades não entregues do Minha Casa Minha Vida reduziram em 20% déficit habitacional do Estado



Caixa afirma que plano está em dia

Com o descontrole nas contas públicas e o problema de caixa da União, há a preocupação quanto à sobrevivência do programa Minha Casa Minha Vida.

O governo federal anunciou que será feita a reformulação no programa. A promessa é de que 3 milhões de unidades sejam construídas. A ideia é também criar uma faixa intermediária de beneficiários que ficará entre os grupo 1 e 2.

No Espírito Santo, em seis anos, foram aplicados R\$ 676 milhões, no total de R\$ 2,5 bilhões em projetos aprovados. Na primeira fase do programa, que durou entre 2009 e 2010 e foi voltado para o público de baixa renda, foram contratados cerca de 6,4 mil imóveis.

O programa avançou, para a faixa 1, entre 2011 e 2013, com a aprovação de 8.854 projetos. Na terceira fase do programa, iniciada

no ano passado, foi admitida até agora construção de apenas 367 unidades.

Segundo a Caixa, o Minha Casa Minha Vida já beneficiou mais de 8,3 milhões de pessoas, com a entrega de 2,09 milhões de moradias em todo o país.

O número diverge dos dados expostos no site da instituição. O banco, ao considerar unidades entregues inclui obras ainda não finalizadas, mas que já estão financiadas pelo usuário final.

O banco disse ainda que não reconhece as informações da planilha ao qual o

jornal teve acesso. Segundo a Caixa, o Minha Casa Minha Vida beneficiou 81.208 famílias, com a entrega de 20.302 unidades no Estado. Na faixa 1, em nota, o banco disse ter beneficiado mais de 17 mil pessoas, com a entrega de 4.427 unidades habitacionais. Mais 7.332 moradias já estão em fase de conclusão. Das demais unidades que estão em obras, 80% estão em ritmo normal.

gazetaonline.com.br

Assista aos depoimentos das famílias e veja infográficos interativos sobre o Minha Casa Minha Vida no Estado.

CARLOS ALBERTO SILVA



Espera.

A família da jovem Lorena Rodrigues Vieira, de 18 anos, de Linhares, também aguarda ser escolhida para receber uma casa na cidade. Ela contou que a mãe fez a inscrição e foi a várias reuniões, mas ainda não teve respostas.

“Primeiro, falavam que iriam dar a casa no Planalto, depois no Jocafe e, por último, no Aviso, mas até agora nada”

LORENA RODRIGUES, de 18 anos. Ela está morando na casa do avô do namorado, no momento, no bairro Olaria. O imóvel é pequeno, mas a jovem precisa ficar no local, pois sofreu uma fratura na perna.

Casas

415

Esse é o número de casas que foram construídas em Linhares pelo programa Minha Casa Minha Vida.